

TERRITORIALIDADES INVISÍVEIS

JOYCE FARIAS DE OLIVEIRA¹

Universidade Santa Cecília de Santos – Pós-graduação em Patrimônio Cultural: Memória e Preservação

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo revelar a presença da cultura afro-brasileira no antigo bairro Vila Macuco, em Santos, frisando o quanto as africanidades influenciaram certos espaços desse território. Para isso, foi preciso traçar o percurso dessa presença na cidade e, em paralelo, as modificações urbanas que contribuíram para que fosse possível entender o processo da relação das africanidades na vila. Um levantamento do histórico desde a remodelação da cidade de Santos (final do séc.XIX e começo do séc. XX) possibilitou entender parte do pensamento da população santista que se instalou em seus diferentes territórios, assim como o antigo bairro, onde a diversidade e multiculturalidade nesses espaços permitiram identificar o território que compreende a antiga Vila Macuco, como um meio decorrente de elementos urbanos que tenham ligação e influência com as africanidades.

PALAVRAS-CHAVE: Africanidades; território; cultura; patrimônio; cidade.

INTRODUÇÃO

A discussão sobre o meio como território cultural é o ponto fundamental para esta pesquisa, pois sustenta e estrutura todo um

discurso acerca da presença das africanidades em determinadas regiões de Santos. Quando se começa a pensar em meio social ligado às africanidades, levantam-se questões sobre a preservação da

cultura nesse meio bem como suas transformações urbanas e as migrações demográficas que ocorreram no decorrer dessas mudanças, estruturando esses territórios, promovendo, em suas histórias de vida, a construção de identidade.

A cidade apresenta uma diversa e complexa população, vários casos de migração e imigração, o que corresponde a seus aspectos territoriais e culturais. Porém, como inúmeras cidades, há uma imagem pré-fabricada das culturas de matriz africana na cidade. Essa imagem corresponde ao corpo negro performático cheio de ritmo, assim como aos estilos musicais e às festividades. Todas essas manifestações são verdadeiramente elementos da cultura citada, mas o quanto há de influência da cultura afro-brasileira em cada núcleo urbano, a ponto de essas territorialidades serem percebidas como afro-brasileiras e ainda terem suas representações materiais mantidas?

A afirmação das identidades em ligação às estéticas não são redutíveis ao lugar esperado ou mesmo ao lugar possível para a afrodescendência. Os lugares de expressar os conteúdos do que chamamos de estética afro-brasileira são gerais, não restritos ao terreiro de samba, ou outros lugares conotados como provenientes de apenas negros. A presença da cultura afro-brasileira em Santos por meio de bens materiais parece ser

um tanto surreal. Todavia, buscando por outras óticas e percorrendo um caminho focando no meio como universo de simbolismo, abrem-se as possibilidades de encontrar mecanismos que desenvolvem o resguardo cultural do cotidiano desse território, que transcendem a imaterialidade dessa cultura, sendo absorvida nas estruturas desse núcleo urbano.

A discussão da questão da inclusão da imagem do negro se reflete nessa abordagem sobre a presença de afro-brasileiros em Santos e a compreensão que temos da cultura afro-brasileira hoje na cidade. Essa questão, por vezes, parece dissipar-se diante da configuração de patrimônio cultural que a cidade apresenta, fortalecida por uma invisibilidade histórica acerca dessa presença em Santos, pois teremos citações da presença de afrodescendentes até o período abolicionista na cidade, estendendo-se por alguns anos depois e se disseminando por quase todo século XX. Entretanto, os negros lutaram direta ou indiretamente por seu espaço na sociedade. Isso era obtido pelas manifestações das culturas afro-brasileiras, em que muitas designavam suas estéticas, a base para se afirmar uma identidade no Brasil, já que essas estéticas estavam tão presentes na sociedade. Assim surgem sistemas simbólicos, que podemos denominar de o lugar das estéticas.

Para Munanga (2006), as estéticas são características de uma cultura, é através de estéticas que

definimos e diferenciamos uma cultura de outra. Também, atribui-se as estéticas a problemática de aceitação cultural no Brasil, quando se está a definir estéticas africanas e afro-brasileiras a partir da estética europeia. Contudo, as estéticas oriundas das culturas africanas ainda estão a definir muito da sociedade brasileira. Isso é constatável nas marcas do trabalho, das conquistas políticas, dos direitos culturais, de tantos lugares e seus cotidianos. São essas manifestações que legitimam a presença das africanidades, propiciando o surgimento de linguagens que determinam seus territórios de pertencimento. Mas como identificar africanidades na relação de indivíduos e suas territorialidades na cidade? E o que essa convivência entre território e seus indivíduos em seus mundos privados ou públicos pode nos oferecer de africanidades?

Levando essas questões em consideração, aponta-se como espaço nobre de cultura o meio e seus habitantes e isso faz com que repensemos em novas sínteses sobre o patrimônio da cidade, quando esta apresenta diferentes formulações de territórios e suas comunidades. Esses espaços sustentados do diálogo informativo e criativo do histórico de resistência contra a hegemonia da cultura que domina é um exemplo e exercício de desapego em relação aos dogmas e antojos da cultura europeia. Isso permitiu desenvolver um “espírito de liberdade de expressão”, mas que,

com o tempo, tende a falhar, quando esse espírito e conhecimento que ele traz e guarda fica restrito aos seus quintais, ficando excluídos do reconhecimento cultural da cidade, pois tais locais são tachados de marginalizados, por serem áreas periféricas, consideradas minorias.

A cidade e as ressignificações territoriais

Há verdade em afirmar que não se pode separar cultura da vida. Ela nasce da relação do homem com seu meio, portanto, as culturas identificadas em um determinado local expressam a construção de patrimônio que partiu da produção de um grupo ou uma sociedade que transformou seu meio habitado no momento que inseriu valores simbólicos para ele. Assim, uma cidade como patrimônio cultural de uma população nos leva a discussões acerca da preservação desse patrimônio. Segundo Castriota (2009), uma cidade é um organismo vivo e não há como impedir seu processo de renovação. Assim, a cidade de Santos na sua contemporaneidade das políticas urbanísticas de seu Patrimônio Cultural desenvolve padrões de configurações, espaços urbanos com referências hegemônicas focando seu patrimônio edificado, como uma paisagem enfeitada, além do que, ainda faltam maneiras de articular seus patrimônios culturais para sua população.

De acordo com Leite (2004), essa visão é dada e processada para quem a estetização da paisagem urbana passa a ser a forma predominante de associar e recuperar o sentido dos valores e da tradição desses lugares. Porém, isso nem sempre efetua o sentido de pertencimento para o seu conjunto social. Até porque, quando ocorre desagregação do sentido de pertencimento do grupo social, desestrutura-se todo o produto cultural desse local. Não há como preservar a memória desse patrimônio.

Até aí não há muita diferença com o que ocorre em muitas outras cidades brasileiras, mas vale analisar esse cenário e questionar qual o papel da memória, já que muito se discute neste momento sobre cidade e revalorização do seu patrimônio, ou melhor, será que a memória não está imune a essa análise sobre os territórios que a cidade apresenta? Absolutamente.

Percebe-se que fenômenos de grupos, como questões étnicas, socioeconômicas e relacionamentos entre povos diferentes são segmentos que identificam a cultura neste meio. Um lugar privilegiado para a compreensão desses fenômenos é a dimensão cultural da história de um lugar, campo no qual se inserem os estudos da memória. Por isso, falar da importância da formação cultural do homem no seu meio é uma forma quase redundante de nos referirmos às nossas origens. Portanto, a memória é um processo social, porque ela catalisa

referências os quais indivíduos e sociedades usam como mecanismos de identificação do seu grupo, do seu tempo, da sua cultura. Esse processo desencadeia parte de nossa discussão, quando a memória se torna determinante para revelar os processos auto-organizativos de um grupo, de uma comunidade.

Para Castriota (2009), o novo conceito sobre Patrimônio Cultural e sua preservação se busca por meio de diversos suportes da memória, contemplando as várias formas do que se compreende desse patrimônio. Nesse sentido, o patrimônio cultural não pode ser encarado como algo morto ou distante do nosso tempo e realidade, distanciando-se do presente e criando rupturas no pertencimento desse patrimônio para o seu meio. Então, a investigação desse cenário não é tão simples.

Esse pertencimento, segundo Pelegrini (2009), se origina do valor simbólico dado por um conjunto, que, no decorrer do tempo, se intensifica e agrega um significado histórico, identificado como um bem cultural singular de uma comunidade, núcleo urbano ou região. Refletir sobre Patrimônio Cultural de um meio envolve muito mais do que o meio propriamente dito e suas pessoas. Hoje existe a necessidade de compreender e articular a circulação dos bens culturais desses territórios.

Por isso, o discurso dos bens culturais da cidade de Santos não depende da situação atual daquilo que é considerado "cultura", e sim

das possibilidades de reinventar a cultura de ontem, atuando nos dias de hoje de cada território existente na cidade. Focar um só território nos permite visualizar os espaços desse território como mecanismos de manutenção da cultura desse núcleo. É essa relação de meio e seus habitantes que faz com que aconteça uma conexão entre recepção e inclusão de valores, pois é o indivíduo e sua essência que modifica, transforma, dialoga com o outro e o seu meio. Essa interação é extremamente importante para a sobrevivência de um núcleo, porque esse elo interdependente entre habitantes e seu meio é o que a todo o momento ressignifica esse território.

"[...] O acesso aos dados referentes aos bens culturais da comunidade torna-se vital para a construção dos meios apropriados para a eficaz proteção do patrimônio nas sociedades modernas (especialmente as ocidentais) [...]" (PELEGRINI, 2009, p.36). Contudo, bens culturais, por serem simbólicos, deveriam estar disponíveis para a compreensão de pessoas de diferentes segmentos socioeconômicos e territórios, mas isso é outro paradigma.

Rupturas da memória e segregação de territórios: o peso da ancestralidade

A problemática do patrimônio nos territórios de Santos e seus valores culturais estão em lidar com

certa invisibilidade que contamina alguns territórios da cidade, evidenciando a fragilidade da identidade de Santos, pois somos uma população que se desconhece culturalmente. E o desconhecimento promove um julgamento de valor, que lhe dá significados de pouca importância para quem não faz parte do mesmo território. Assim, torna-se questionável se os projetos culturais do município desenvolvem a valorização dos bens culturais dos espaços que mantêm. E, ainda, o que a população santista pensa sobre sua cultura? Como percebe o desafio cultural da cidade? Se não temos respostas para essas perguntas, nos tornamos vulneráveis a aceitar o que pode nos ser imposto. Quando apresentamos o desconhecimento sobre nosso meio, não sabemos quem somos. Isso afeta nossa identidade e a corrompe com qualquer coisa que lhe é oferecido, gerando uma superficialidade deprimente, inclusive quando afeta o que corresponde a nossa memória.

As culturas de matrizes africanas sofrem esse processo em Santos desde o período pós-abolição, na transição do trabalho escravo ao trabalho livre. Segundo Lanna (1996), a Abolição e a República não representavam nada em termos de cidadania, melhoria das condições de vida e participação política para as classes populares, especificamente para os ex-cativos, que além da negação ao trabalho, no campo ideológico, sofriam com o processo das representações sociais

associadas às teorias raciais “científicas” que projetaram a construção de uma consciência nacional de inferioridade dos negros. Já nos planos urbanos, esse pensamento resultou na expulsão das populações negras de certos territórios (especificamente o que aconteceu no Quilombo do Jabaquara), através das remodelações urbanas modernizadoras que buscavam uma imagem metropolitana de uma urbanidade refinada à moda europeia, combatendo a cultura de matriz africana processada em alguns espaços urbanos.

As intervenções urbanísticas dos primeiros anos da República Brasileira, abordando a cidade de Santos, fazem parte do plano de melhoramentos, com preocupações com higiene, fluidez e estética, e passam a ter um caráter ideológico fundamentado em valores positivistas e influenciado por ideias de cientificidade e de estética com a idealização de valores e de pessoas consideradas modelos para a humanidade. Isto é, a população branca na cidade representava e salientava o movimento de branqueamento, assim como em toda sociedade brasileira. A imigração europeia trazia consigo esse padrão ideal de população para compor e assim dizimar aos poucos a figura do negro na sociedade.

Apesar desses atos, verificamos que a população negra assumiu territórios na cidade. Mesmo com esse histórico de exclusão, conseguiu reconstruir, nesse

processo de remodelação espacial, as culturas de matriz africana, reproduzindo modos particulares de concepção de vida e as necessidades geradas por essa concepção. Sobretudo, a falta de conhecimento e compreensão das cosmovisões africanas e das articulações de seus bens culturais são ignoradas pelas políticas públicas que pouco fazem para estabelecer e fortalecer mecanismos que priorizem a memória desses territórios. Há necessidade de ressaltar aspectos ainda não explorados nos estudos acerca do urbanismo da cidade de Santos, a questão das territorialidades que sofreram influência dessas culturas, identificando a presença das africanidades nas relações sócio-espaciais estabelecidas nesses núcleos. Não basta sintetizar os vestígios da escravidão à mestiçagem e a temática racial a um problema socioeconômico gerado e fornecido por certos lugares. É preciso tratar de informações que nos aproximam do universo de territórios vinculados a esse contexto, pois deflagram em curtos ou longos momentos uma resposta cultural de uma cidade multicultural. Até porque, ainda temos muita dificuldade de estabelecer espaço para a discussão sobre nossa multiculturalidade, nossas identidades. Como comenta Schwarcz (1998), no Brasil subsiste o discurso da identidade que se afirma externamente e internamente de cores, de costumes e de etnias. Não podemos esquecer que este é o

país do racismo brando, camuflado no dia a dia do brasileiro.

Urbanismo modificando a cidade: formação de territórios e a Vila Macuco

Santos era uma cidade de intenso movimento no final do século XIX. O fluxo contínuo de mercadorias e pessoas sufocava a cidade, trazendo infundáveis problemas a esse cenário urbano. A busca desenfreada por trabalho no porto santista veio acompanhada da propagação de epidemias, problemas de habitação em massa, falta de ordem devido aos abusos de violência disseminados por tais condições insalubres de sobreviver na cidade. Apesar de a cidade sempre haver apresentado uma população de zona urbana, sofria com o “boom” da economia cafeeira no Oeste Paulista. O porto santista se tornava, nesse momento, o maior polo exportador do país. Isso impulsionava a criação de soluções para esses novos problemas na cidade.

No ano de 1888, depois de especulações acerca da modernização portuária, os empresários Cândido Gaffrée e Eduardo Guinle venceram a corrida da concorrência para reformar o porto. Na medida em que as reformas iam se concretizando, a expansão portuária ganhava força na implantação da ferrovia e logo uma rede de serviços públicos, como abastecimento de água, luz elétrica

e transportes para a população impulsionavam a cidade ao progresso. Porém, com isso, vieram as epidemias devido à falta de higiene e saneamento. Cortiços e pequenas casas se multiplicavam pela cidade para abrigar trabalhadores. Esse número elevado de pessoas não era uma população permanente, o que explica a facilidade que teve a proliferação das epidemias que devastou a cidade nesse período.

Essa situação fez com que o governo do Estado tomasse a frente desse problema e, a partir do início da década de 1890, devido à gravidade e urgência da situação, o processo de saneamento e higienização da cidade seria restituído e desenvolvido pelo governo do Estado. Nesse cenário, em 1905, surgiu um dos personagens mais proeminente dessa fase santista, o engenheiro Saturnino de Brito.

A remodelação de Santos acionou um intenso movimento imobiliário, que levou a cidade fervilhar em atividade de loteamentos que partiam da iniciativa privada e seus compradores. Pode-se dizer que a migração da população para outras regiões da cidade era um efeito anunciado.

Segundo Leite (2004), as transformações urbanas raramente resultam de um desenvolvimento inerente, porém isso também não quer dizer que uma cidade planejada seguirá imutável ao modelo que a gerou. Mas é justamente o produto

cultural que se manifesta de maneira convergente, definindo em territórios e espaços as distintas influências formais e cotidianas. Enfatiza-se essa afirmação, com a evidência da segregação nesses territórios por questões socioespaciais.

Essa classificação da população em Santos era absorvida pelos territórios de cada classe e percebida no modo de articulação de seus bens culturais e do fluxo de vidas desses ambientes. Isso nos leva a identificar nesses locais mecanismos de autopreservação que surgiram dessa segregação de espaços. Talvez por isso, as comunidades de certos bairros de Santos não apresentam obviamente um tipo de “cultura das comunidades”, mas um perfil do local que promove isso, como um traço unificador dos grupos inseridos em tais bairros. Fatores econômicos, sociais e étnicos definem características para estes locais, até porque foi preciso utilizar metodologias de preservação e existência totalmente diferente das classes dominantes que se instalaram na região no período de remodelação da cidade.

O antigo bairro Vila Macuco¹ nasceu no final do século XIX, com o início da expansão do porto. Sua nomenclatura está ligada à tradicional família Macuco, que não era Macuco, e sim Sacramento, que possuía quase todas as terras onde se formou o bairro.

¹Atualmente a área que correspondia à Vila Macuco, são os bairros: Macuco, Estuário, Encruzilhada e parte da Aparecida.

“Na grande área compreendida entre a rua Dona Luíza Macuco, a avenida Conselheiro Nébias e o Estuário de Santos, abrangendo os Outerinhos, até as proximidades da atual avenida Conselheiro Rodrigues Alves (antiga Taylor).” (SANTOS, 1986, p.329). Macuco era o apelido de Francisco Manoel do Sacramento, porque nessas áreas havia muitos macucos e Francisco Manoel do Sacramento tornou-se um caçador dessas aves nas horas vagas.

Na configuração espacial, consideramos o desenho urbano como método de compreensão desse território consolidado, pois a divisão territorial na cidade foi articulada devido aos problemas socioeconômicos de habitação por causa do crescimento da população no final do século XIX. De modo a esclarecer a ocupação territorial ao campo geográfico e aos seus elementos de produção e consumo desses núcleos urbanos, isto é, o valor do solo, o referencial simbólico dos lugares, edificações, lotes, terrenos e áreas livres têm muito a dizer do nascimento desse bairro.

Por isso, constata-se que o surgimento dessa vila se deu devido ao poder aquisitivo baixo, pois se trata de um espaço considerado periférico em certas áreas em comparação com o centro da cidade e alguns bairros à beira-mar. Certos fatores nos orientam para a compreensão do patrimônio cultural desse território, na apresentação de suas formas espaciais agregadas ao conjunto social que desenvolveram a cultura do local.

De acordo com Castriota (2009), a dinâmica do patrimônio cultural não pode ser encarada como uma coleção de objetos afastados da vida, devendo ser tratada como um suporte para um processo contínuo da própria vida. Isso potencializa esse patrimônio, promovendo continuidade através de suas releituras. Portanto, as questões do usufruto desse patrimônio pela sua comunidade é o que permite a continuidade da memória, da resignificação desse território. E ainda complementando esse contexto, Ramos (2010), na sua discussão sobre a construção de bairros negros, foca no conjunto social e suas dinâmicas culturais para identificar na materialidade desses bairros a cultura afro-brasileira.

Em outras palavras, a influência afro-brasileira em certos lugares, assim como nesse bairro, se adaptou e remodelou esse espaço de acordo com a funcionalidade do uso decorrente dessa cultura. Por isso o produto cultural do antigo bairro desempenha um papel decisivo no processo de territorialidades afro-brasileiras. O uso e consumo dos espaços na Vila Macuco referente às africanidades são percebidos na estrutura das moradias, das ruas e seus lugares de convivência coletiva, entre outros aspectos.

Em algumas moradias, o uso dos quintais e canteiros para ervas sustentava o usufruto de manifestações decorrentes das religiosidades de influência afro-

brasileira. Ainda no interior de certas casas, mulheres exerciam o ofício de parteiras, benzedoras e provedoras de valores religiosos, que devido ao conhecimento repassado se mantinham em atividade no bairro. Além disso, os espaços de convivência coletiva deflagram esses usos e consumos do território em função da cultura local.

De origem quimbunda, o termo "kitanda" significa mercado, lugar de mercado ou feira. As quitandas são estabelecimentos comerciais tradicionais da Vila Macuco, que tentam sobreviver ao tempo. Já foram primordiais para as famílias do bairro e só perderam sua freguesia devido ao surgimento dos supermercados nos bairros vizinhos. Ainda há inúmeras atividades comerciais ligadas a esse gênero, com destaque para as feiras livres e os trabalhadores autônomos, desde os vendedores de peixe e frutos do mar na Bacia do Macuco às quituteiras caseiras e ambulantes.

A Bacia do Macuco, considerada um símbolo esquecido do antigo bairro, funcionou como atracadouro de barcos que descarregavam areia. Depois, serviu para a comercialização do pescado da região e lugar de encontro dos lendários malandros do bairro. Hoje esses personagens caíram no esquecimento e com eles a relação de pertencimento do conjunto social do território que estes habitavam. Essas figuras se tornaram histórias folclóricas que hoje são narradas por suas aventuras nas mesas de bares do bairro.

Não se pode esquecer o samba na Vila Macuco. Sua origem é vinculada às duas irmãs, intituladas tias Euclídia e Lidyoneta, netas de um africano da Nação Nagô. Elas foram pioneiras na introdução do samba no carnaval santista. Impulsionaram o surgimento de novas agremiações carnavalescas e blocos de rua, que fizeram com que a cidade fosse reconhecida por outras cidades, onde o samba é tradição, promovendo um intercâmbio com o Rio de Janeiro entre as escolas X-9, Brasil e União Imperial (Marapé). O samba nesse núcleo articula também atividades econômicas, promovendo geração de renda para sua comunidade.

Ainda abarcando esse território, apesar de não fazer parte da área da antiga Vila, mas localizada literalmente de frente para o grande bairro, a Igreja de São Benedito fortalece o conjunto desse território. Foi erguida pela confraria de São Benedito, na década de 70 do século XX, na Avenida Afonso Pena, bairro do Embaré.

De todas as paróquias pesquisadas, a de São Benedito é a única que não tem um histórico documentado. Mas, de acordo com a própria Irmandade de São Benedito, sua origem data do ano de 1780. Supõe-se que a Irmandade do santo negro seja uma das irmandades mais antigas, além de ser atualmente única irmandade originada de indivíduos negros em Santos.

Culturas afro-brasileiras sempre estiveram muito vinculadas com o ambiente em si, muito de suas manifestações são atreladas aos espaços que as mantêm. Assegurar essa espacialização dos usos permitiu organizar as relações sociais, o que mantinha a memória do bairro, sem imposições. Em contrapartida, com o exemplo do Bairro do Recife de Leite (2004) territórios como este, apresentam formas de demarcação socioespaciais que espreitam os lugares chamados de “nobres” da cidade e que precisam se contrapor em si, na investida de afirmarem publicamente o reconhecimento, da sua própria existência e cultura. Isto é, tornar-se visível socialmente, o que permite promover outro reconhecimento, o do seu universo simbólico, na medida em que essas práticas decorrentes da cultura citada possibilitam o surgimento de um novo paradigma da presença das africanidades na cidade, se afirmam nas formas de sociabilidade cotidianas deste território.

Também se destaca a pesquisa de Ramos (2010), sobre os diferentes mecanismos de identificação desses espaços, quando se trata de africanidades e suas produções. O uso desses elementos e espaços urbanos caracterizou a comunidade local, mesmo que estes tenham sido construídos para outras finalidades. Até porque se tratando de culturas afro-brasileiras, elas se adaptavam ou se adaptam aos espaços. Tudo parece uma questão de adaptações dessas culturas nesse

território. Além disso, frisamos que nada evidentemente torna o território que corresponde à antiga Vila Macuco um “reduto” de afrodescendentes dos quilombos de Santos ou simplesmente de afrodescendentes de outras regiões.

Não se trata de buscar evidências de regiões e lugares de origem desses afrodescendentes em Santos, mas de gerar discussões a partir do processo das formas associativas próprias que foram sendo agregadas ao bairro, permitindo ressaltar em sua estrutura urbana: o cotidiano, o espaço atmosférico, o fluxo do trabalho entre outras funções que usam desta estrutura urbana para reafirmar a influência das culturas afro-brasileiras. A notória influência das africanidades é percebida na articulação dos mecanismos simbólicos construídos nesse meio, tornando-se um dos fios condutores da cultura local, fazendo entender os valores que tornam o bairro como “tradicional”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“[...] a maior complexidade das relações sociais e a monumentalidade arquitetônica- em uma palavra: a cultura. A cidade é, nesse sentido, a maior materialização da nossa vontade de potência”. [...]” (WISNIK, 2008, p.08). Qualquer cidade é um campo de infindáveis discussões acerca de cultura. Esta investigação procurou esse caminho sobre a relação entre

territorialidades e africanidades da região que compreende o antigo bairro Vila Macuco, através da análise e desenvolvimento urbanístico da cidade de Santos. Tal caminho revelou questões sociais, políticas e principalmente culturais, que definiram a permanência ou não das africanidades até os dias de hoje, mas usando da coerência que se existiu entre os santistas uma campanha abolicionista à escravidão, existiu uma massa sociogênica negra na cidade.

Essa transcendência da presença de afrodescendentes gerou reflexão para possíveis caminhos das africanidades em territórios da cidade, buscando evidências quantitativas que ladeassem um espaço, onde fosse possível discutir acerca dessa presença em um núcleo urbano, desenvolvido a partir de seu conjunto social, calcado nas influências de culturas afro-brasileiras. Ideações do cotidiano, crenças difundidas e costumes internalizados vão revelando esse território, buscando refletir sobre um passado que não é tão distante, mas que já começa a sucumbir, devido a um processo de invisibilidade adotado na cidade.

Elementos como as religiosidades mistas, a política brasileira, a identidade cultural e a multiculturalidade regional relacionados ao tema africanidades trazem à tona os velhos problemas de aceitação cultural, a rejeição à etnia predominantemente afro, o modelo da democracia racial, as manifestações culturais que

irrompem o tempo, tentando sobreviver na modernidade da cidade e, ainda, as novas gerações que integram a comunidade que vão se dividindo, perdendo muito das referências desse bairro. Todavia, não podemos nos esquecer da importância da convivência para esse território, que está nos hábitos mesclados de origens diferentes, importando destacar que, para isso sobreviver, essa convivência promove o pertencimento da comunidade e se transforma no tempo, de acordo com as necessidades de cada geração e suas épocas, ressignificando essas culturas que moldam esse território.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTRIOTA, Leonardo Barci. Alternativas Contemporâneas para políticas de preservação. In: *Patrimônio Cultural – Conceitos, políticas, instrumentos*. São Paulo: Annablume, 2009. p.81-91.
- LANNA, Ana L.D. Uma cidade na transição: Santos: 1870-1913. São Paulo: Hucitec, 1996.
- LEITE, Rogério Proença. *Contra usos da Cidade – Lugares e Espaço Público*. Campinas: UNICAMP, 2004.
- MUNANGA, Kabengele. *A dimensão estética na arte negro-africana tradicional*. USP-Mac. São Paulo, Jun.2006. Disponível em: <<http://www.macvirtual.usp.br/mac/arquivo/noticia/Kabengele/Kabengel e.asp>> Acesso em 22 maio 2011.
- PELEGRINI, Sandra C. A. Patrimônio Cultural: Conhecendo um pouco mais. In: *Patrimônio Cultural: Consciência e Preservação*, 2009. cap.2, p.19-36.
- RAMOS, Maria Estela Rocha. Contextos da construção da territorialidade negra em áreas urbanas. *Revista África e Africanidades*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 9, maio 2010. Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com/documentos/Contextos_construcao_territorialidade_negra.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2011.
- SANTOS, Francisco Martins dos. *História de Santos*. 2ª. Ed. São Vicente: Caudex LTDA, 1986.
- SCHUMAHER, Shuma; BRAZIL, Êrico Vital. *Mulheres negras do Brasil*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2007.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In:
- SCHWARCZ, Lilia Moritz (org). *História da vida privada no Brasil - Contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das letras, 1998. cap. 3, p.173-244

WISNIK, Guilherme. Cidade: vontade e impotência. *Continuum Itaú Cultural*, São Paulo, p.8-9, 17 dez. 2008.

Fontes de jornais

CARVALHO JÚNIOR, Álvaro de. Porto disputa espaço com a cidade. *A Tribuna*, Santos, p. C-6, 7 out. 1980.

SANTOS e os sentimentos católicos do seu povo. *A Tribuna/ Edição Comemorativa do 1º Centenário da cidade de Santos*, Santos, 26 jan. 1939.

TELES, Luciana Ribeiro. Macuco uma história abandonada. *A Tribuna*, Santos, jul. 2005.

TEMPO de carnaval- memórias da festa santista. *A Tribuna*, Santos, p. A-8, 2 dez. 2007.

¹**Joyce Farias de Oliveira.** Formada em Educação Artística /Licenciatura plena em Artes Plásticas pela Universidade Santa Cecília (Unisantia - Santos); Curso de extensão em Cultura Africana pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Desde 2006 integra o Grupo de Gravura Mariana Quito (Secult /Santos-SP). Trabalhou em projetos culturais na área de pesquisa - site Portogente - link: Mar de sonhos (sobre cultura japonesa) e Mostra de Africanidades realizada na Estação da Cidadania em Santos. Atualmente ministra curso de desenho artístico das Oficinas Culturais na Secretaria de Cultura Municipal de Santos (Secult).
Contato: Jo_farias4@yahoo.com.br